Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 29 de setembro a domingo, 1 de outubro de 2023 - Ano CXXI - Nº 24.365

Pianista prodígio de 11 anos se apresenta no Rio
PÁGINA 6

Carolina Markowicz revê sua trajetória
PÁGINA 10

A força rebelde das quiçaças em exposição no Leblon
PÁGINA 13

2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Guto Costa/Divulgação

Zeca e os 40 anos de Pagodinho

Antes de se apresentar na Europa em outubro, sambista faz duas apresentações no Qualistage

Por **Affonso Nunes**

Nesta sexta e sábado (29 e 30) Zeca Pagodinho subirá, mais uma vez, ao palco do Qualistage, na Barra, para contagiar o público com sua energia e carisma num show repleto de sucessos, marcando assim a despedida de "Mais Feliz", espetáculo que emocionou plateias de todo o Brasil, correu os Estados Unidos e partirá em breve para a Europa celebrando os 40 anos de carreira do artista.

Zeca, que está vivendo um ano intenso desde fevereiro, quando foi homenageado, sendo enredo da Acadêmicos do Grande Rio, escolheu 2023 para consolidar seu trabalho no exterior. No final de maio, ele embarcou para uma turnê pelos Estados Unidos e, em outubro partirá para vários países da Europa como, Portugal, Inglaterra, Espanha e Suíça.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Octacílio Barbosa/Alerj

O projeto agora vai a sanção do governador

Aprovada cota de tela estadual para filmes nacionais

A Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) aprovou um novo projeto de lei que viabiliza a cota de tela nos cinemas do estado. Com a legislação, salas do Rio de Janeiro serão obrigadas a ocupar a programação com uma proporção mínima de filmes nacionais.
O projeto foi escrito pelo deputado estadual Munir Neto (PSD), que atua como presidente da Frente Parlamentar de Fomento do Audiovisual.
O projeto agora segue para a sanção do governador Cláudio Castro, na expectativa de ser efetivada ainda em outubro. A previsão é que o projeto seja implementado ao longo dos próximos dois anos.

Luto nas telas

Michael Gambon, que interpretou Dumbledore em seis filmes da saga Harry Potter, morreu aos 82 anos, vítima de pneumonia. "Estamos desolados por anunciar a perda do Sir Michael Gambon. Pai e marido amado", disse a família em comunicado.

Shakira no Brasil

Shakira pretende vir ao Brasil no ano que vem, com sua próxima turnê. A informação foi confirmada pela própria artista, em entrevista publicada pela Vogue. O setlist e todo o projeto dos shows ainda está em desenvolvimento.

Boa música

O Art Metal Quinteto apresenta-se neste domingo (1), às 11h, no Salão Assyrio do Theatro Municipal. O grupo tem Jessé Sadoc e Wellington Moura (trompetes), Eliezer Conrado (trompa), João Luiz Areias (trombone) e Eliezer Rodrigues (tuba).

Cara de um...

Caio Blat compartilhou uma foto nostálgica ao lado do filho mais novo, Bento, de 13 anos. Na legenda do post, o ator revelou como a semelhança dos dois é visível pelas pessoas. "Está mais alto que o pai, às vezes até perguntam se somos irmãos..."

Reprodução YouTube

Lançamento de Zeca Pagodinho pela Madrinha Beth Carvalho em clipe do Fantástico, em 1983. A dupla cantou 'Camarão que Dorme a Onda Leva', de Zeca

'A gente sobe no palco pra ser feliz e fazer **a felicidade do povo'**

Porém neste intervalo entre as duas etapas da turnê internacional, Zeca Pagodinho não poderia deixar de prestigiar o Rio com esta apresentação que terá no repertório belíssimos sambas eternizados em suas interpretações, entre os quais "Coração em Desalinho", "Vai Vadiar", "Verdade", "Deixa a Vida Me Levar", "Maneiras", "Não Sou Mais Disso", "Seu Balançê" e tantos outros.

Usina de alegria permanente, o sambista fala em levar ao público toda a felicidade que sempre buscou nas canções de seu repertório. "A gente sobe no palco pra ser feliz e fazer a felicidade do povo", repete a cada entrevista. "Levar alegria é sempre bom em qualquer momento", defende.

Se Zeva leva alegria ao povo, não custa investigar o que leva alegria a Zeca Pagodinho? A receita do artista é buscar a sintonia com as coisas simples da vida. "Não fazer nada, conversar com os amigos, tomar uma cerveja e ficar com a família. Tenho dois netinhos que nasceram há pouco tempo, o Miguel e o Domênico. Ficar perto deles, e dos mais velhos, Noah e Catarina, é o que tem me deixando mais feliz ultimamente", revela Zeca, sempre de alto astral.

A direção musical dos shows da turnê "Mais Feliz" é assinada por Paulão Sete Cordas - companheiro de jornada desde o primeiro álbum do cantor - e o cenário é de Zé Carratu.

Cria de Xerém, na Baixada Fluminense, Zeca iniciou sua carreira nas rodas de samba do subúrbio carioca, entre as quais a lendária roda do Cacique de Ramos, berço de grandes talentos de nossa música popular.

Desde criança, circulava entre sambistas de sua geração e das anteriores, até ter o talento revelado pela cantora Beth Carvalho (1946-2019), na década de 1980. Por toda sua vida, Beth foi reverenciada com o título de Madrinha do Samba por ter lançado uma grande quantidade de novos talentos do gênero.

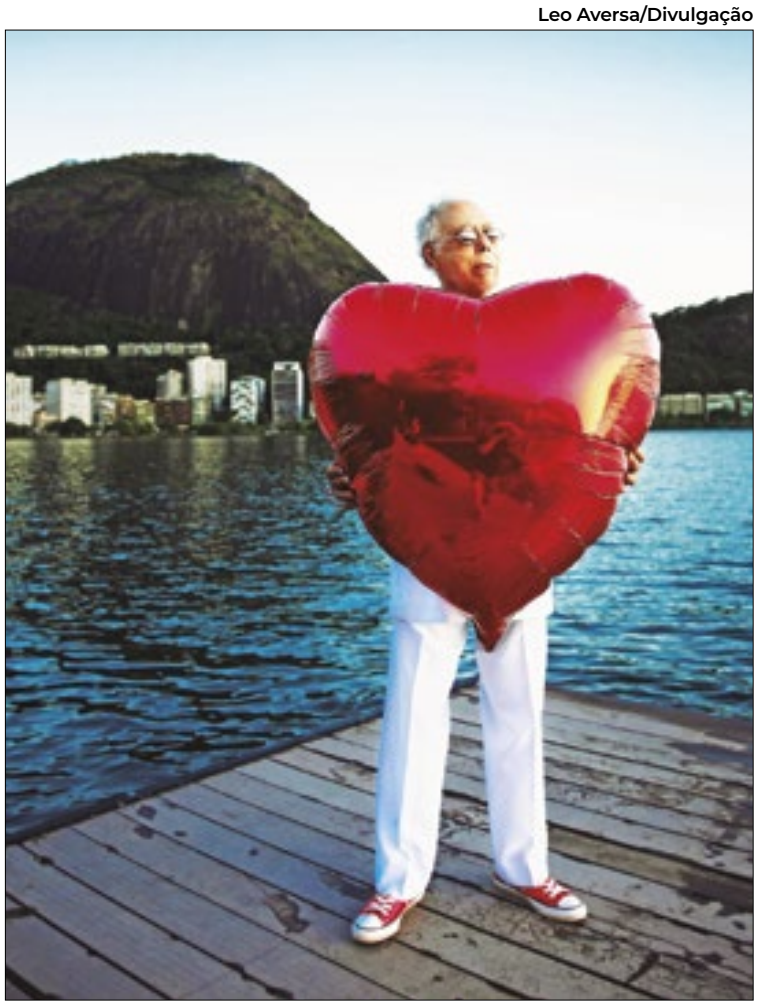
O sucesso foi rápido, e em poucos anos já era detentor de diversos prêmios, inclusive quatro Grammys Latinos. No ano de 2021, ele foi eleito, pela Revista Veja, um dos 30 cariocas que mudaram a história da cidade nas últimas três décadas.

Zeca, que já gravou 24 álbuns de carreira e tem mais de 12 milhões de cópias vendidas, é famoso também por seu carisma e irreverência, sendo reconhecido pelo público e pela crítica como um dos maiores sambistas o Brasil.

SERVIÇO

ZECA PAGODINHO - MAIS FELIZ
Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
29 e 30/9, às 21h30 (sexta) e 21h (sábado)
Ingressos: poltronas a partir de R$ 190 e camarote (a partir de R$ 320)

Leo Aversa/Divulgação



Jards Macalé despeja amor em seu novo trabalho

Jards Macalé é só amor

Compositor faz no Circo Voador show de lançamento de 'Coração Bifurcado', seu mais novo álbum

Por Affonso Nunes

Nos anos 1980, Jards Macalé tocava em lugares remotos e improváveis em shows de voz e violão, fazendo justiça á sua fama de artista maldito. Ao completar 80 anos, em maio, o compositor lançou um álbum singular em sua trajetória artística. Cinquenta anos após o LP "Banquete dos Mendigos", "Coração Bifurcado" é um disco sobre os amores do amor, que Jards despeja em apresentação nesta sexta-feira (29), no Circo Voador.

A arte de Macalé nunca recusou a sujeira, e por isso destoa tanto do mundo sonoro limpinho e asseado do século 21. Mas aqui Jards escancara sentimento e reflete sobre as várias facetas do amor, tanto que se bifurca, em parcerias com Rodrigo Campos, Kiko Dinucci, Clima, Romulo Fróes, Alice Coutinho, José Carlos Capinan e Ronaldo Bastos que passeiam por sambas, bossas e psicodelias.

O álbum tem participações de Maria Bethânia com sua voz imaculada no samba-canção "Mistérios do Nosso Amor"; Ná Ozetti e Guilherme Held ("Simples Assim") - aqui a cantora paulistana assume uma faixa que deveria ter sido gravada por Gal Costa (1945-2022) e um duo póstumo com Nara Leão a partir de um registro da cantora em vida na faixa "Amo Tanto". Trata-se da emocionante gravação de Nara feita em 1966.

Neste álbum de primorosa construção melódica e harmônica, Jards só grava uma faixa em voz e violão que é "Grãos de Açúcar". Nas restantes, a banda incorpora uma sonoridade algo setentista. Para os que vêem nos dias de hoje amorosos fugazes e etéreos, a poesia musical de Jards Macalé soa como um antídoto e um oportuno convite à profundidade.

SERVIÇO

JARDS MACALÉ - CORAÇÃO BIFURCADO
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
29/9, a partir das 21h
Ingressos entre R$ 70 e R$ 160

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação

Samba e feijão

A lendária feijoada da Tia Surica, pastora da Portela, está de volta ao Teatro Rival neste sábado (30), a partir das 13h, desta vez com participação especial da cantora Iracema Monteiro, que disputou a primeira edição do programa "The Voice +" (Globo). Também haverá o lançamento do livro "A autobiografia da Tia Surica", da Editora Rubi, uma história de superação para inspirar as novas gerações.

Divulgação

Caldeirão da Brisa

O Futuro Presente 2023 recebe nesta sexta-feira (29), às 18h, Brisa Flow, cantora originária que mistura seu rap com cantos ancestrais, jazz, eletrônico e neo/soul, para um pocket show no Espaço Conceito Banco do Brasil. Sua música traz mensagens sobre sua vivência de mulher ameríndia periférica na América Latina com pesquisas da música indígena contemporânea e o rap como ferramenta para combater o epistemicídio.

Guga Ferreira/Divulgação

Dono de sucessos

O cantor e compositor Charlles André encerra nesta sexta-feira (29), a partir das 19h, sua temporada de shows no Boteco Fundo de Quintal, na Rua do Lavradio (Lapa). O sambista promete fazer o púbico cantar e sambar com canções de sucessos que fizeram parte da memória do público gravadas pelos grupos Os Morenos, Negritude Júnior, Exaltasamba, Sorriso Maroto e pelos cantores Thiaguinho e Mumuzinho.

Divulgação

Aniversário

Neste sábado (30), às 18h, um concerto especial e gratuito celebrará os 109 anos do Forte de Copacabana. A Orquestra Violões do Forte de Copacabana e Shalom fará uma apresentação revisitando grandes clássicos da música brasileira. Além dos violões, a Violões do Forte de Copacabana e Shalom reúne instrumentos como clarineta, flauta transversa, saxofone, trompete, trombone, teclado, percussão e bateria.

Silvia Machete entre canções e drinks

Cantora volta à cidade com o show de seu aclamado disco 'Rhonda'

Formada na escola do teatro de rua e do circo, Silvia Machete é uma show-woman com total domínio do palco e do público. E essa performance pode ser conferida nesta sexta-feira (29), às 21h, no palco do Manouche no show com o repertório de seu elogiado álbum "Rhonda" (2020).

Suas apresentações são performáticas, divertidas e sedutoras. Já lhe renderam um prêmio APCA com o "Extravaganza" na categoria Melhor Show do Ano. Sua discografia inclui "Bombo of Love–Música Safada para Corações Românticos" (2006), "Eu Não Sou Nenhuma Santa" (2008), "Extravaganza" (2010), "Souvenir" (2014), "Dussek Veste Machete" (2017) e o "Rhonda" (2020). Recentemente lançou o single "Cama", dela e Alberto Continentino, gravada em dueto com Moreno Veloso.

Em "Rhonda", lançado pela Biscoito fino, álbum todo cantado em inglês, com 10 faixas autorais e uma releitura de "No One Eles Around", de Tim Maia, o encantamento vem da voz e da sonoridade. O álbum foi feito em parceria com o baixista Alberto Continentino e a produção foi de Lalo Brusco.

Silvia Machete inventou novidade para este show no Manouche: vai colocar à venda sua última criação: o Rhonda´s Bitters. E ele vem com assinatura de Cello Camolesse, expert no assunto, que vem pesquisando, testando, cozinhando e provando suas alquimias há anos.

"A receita combina ingredientes de várias partes do globo para nos transportar como um tapete mágico por sabores e aromas do oriente e dos trópicos, e nos fazer sonhar nos braços de Afrodite". comenta Cello. Entre eles, estão baunilha, zimbro, cravos, cardamomo, anis, canela, pimenta Jamaica, gengibre, capim limão, frutas vermelhas secas, limão siciliano e toranja. E Silvia completa: "Três gotinhas na língua, um segredo revelado. Na sua água, no seu drink, um mundo desvendado. Então, senhoras e senhores, bebam, degustem, sonhem".

Marina Decourt/Divulgação

Além de cantar, Silvia vai apresentar ao público um drink de sua autoria: o Rhonda Bitter's

SERVIÇO

SILVIA MACHETE - RHONDA
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
29/9, às 21h
Ingressos: R$ 160 e R$ 80 (meia e ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

CRÍTICA / DISCO / OUTRA FACE

Uma raridade

Por **Aquiles Rique Reis***

Para os que ainda não conhecem Marilia Trindade Barboza, que agora lança o EP "Outra Face" (independente), eu informo: dentre outras atividades, ela foi presidente do Museu da Imagem e do Som (MIS-RJ) e escreveu biografias de Paulo da Portela, Pixinguinha, Cartola e Silas de Oliveira.

Quanto ao disco, a produção musical é do violonista e arranjador Luís Felipe de Lima. O bamba arregimentou os grandes instrumentistas Kiko Horta (acordeão), Luis Barcelos (bandolim), Thiago da Serrinha (cavaquinho e percussão), Fabiano Segalote (trombone), Eduardo Neves (sax e flauta) e Júlio Florindo (baixo elétrico) para tocar e apresentar Marília, agora como compositora/letrista de (bons) sambas e choros.

Conto-lhes: foi assim. Um belo dia, ao tocar um samba inacabado, Argemiro da Portela instigou Marília: "Põe a segunda!". E ela se ajuntou ao baluarte. Nascia "Não Vou Sofrer" (Marília e Argemiro), um samba em tom menor, daqueles que, na voz de um grande cantor como Pedro Miranda, vem com tudo e brilha. O bandolim soa. O coro engrandece o arranjo. Sete cordas e baixo elétrico, juntos com pandeiro e cuíca, afiançam a cadência. E o couro come bonito.

"Caminhando" (https://spotify.link/8o1a9nuCcDb), Nelson Cavaquinho e MTB, é um choro... Sim, um choro do grande Nelson Cavaquinho, composto quando ele ainda tocava cavaquinho. Marilia conta que ouviu a versão instrumental e daí pra se por a escrever os versos foi um pulo: "Vou seguir caminhando/ O pranto correndo, apesar de cantando/ Num samba que era triste/ E então o sambista acabou preferindo/ Num choro cantar... E chorar (...)". Nelson adoraria tê-los conhecido pelo poderio da voz de Marcos Sacramento.

Divulgação

"A Gente Esquece" (https://spotify.link/OBW0O8vCcDb), de MTB e Nelson Sargento: houve um papo de Marília com o professor Arthur Oliveira e Nelson Sargento, na casa do Cartola, lá em Mangueira. O mestre começou a tocar "Acontece", revelando que não conseguiria amar de novo a sua obra-prima. Marília retrucou: "Acontece, mas a gente esquece". E Sargento se inspirou: "Isso dá samba! Vamos fazer?" Dito e feito, pintou "A Gente Esquece". Embalada pelo arranjo – tanto na intro quanto no intermezzo o trombone é show –, a eterna Áurea Martins cantou bonito.

"Restos Mortais" (MTB e Carlos Cachaça): Carlos queria publicar um livro com seus poemas. Pelas mãos de Hermínio Bello de Carvalho (à época diretor da Funarte), Marília ficou encarregada de organizá-los para publicação. Ela escolheu um deles, "Restos Mortais", e o musicou como Cachaça o faria – é a única música do EP que Marília fez música e letra. E o grande intérprete Pedro Paulo Malta vem com tudo.

Em "Não Se Usa Mais" (Arthur de Oliveira e MTB), o cavaquinho reina. Marília letrou e entregou a música para Nina Wirtti cantar, o que ela faz de forma sublime: "(...) E aquele choro que não era pranto/ Era todo o encanto de bemóis e sustenidos imortais (...)".

E assim a MPB segue viva graças aos seus criadores.

***Vocalista do MPB4 e escritor**

SESC RJ PULSAR 2022/23

Confira a programação do Edital Pulsar nas Unidades do Sesc RJ e participe.

NINAS

O espetáculo traz momentos da sua vida e personalidade e sua imersão na luta contra a segregação racial.

Sesc Copacabana | até 8/10 | quinta a domingo | 19h

VOO LIVRE

O espetáculo cria experiências com o público por meio de cenas, performances, leituras, escutas, músicas e reflexões sobre a arte, o tempo e os futuros.

Sesc Copacabana | até 15/10 | quinta a domingo | 20h

TRAVESSIAS NORDESTE X BAIXADA

O espetáculo costura histórias que começam em solos nordestinos e se conectam ao cruzarem o país, chegando até a Baixada Fluminense.

Sesc Tijuca | até 22/10 | quinta a sábado, às 19h, e domingo, às 18h

PAULO FREIRE: O ANDARILHO DA UTOPIA

Paulo Freire é apresentado como um menino humilde e curioso, que, mesmo submetido à fome, não perde seu interesse pelas palavras.

Sesc Madureira | 30/9 | 18h

Sesc Barra Mansa | 5/10 | 19h

Sesc Teresópolis | 14/10 | 19h30

CARTA BRANCA

Quatro artistas apresentam números de dança, acrobacia e música ao vivo, mas, por meio de suas cartas brancas, expõem suas vulnerabilidades.

Teatro Sesc Rosinha de Valença | 29/9 | 20h

Sesc Três Rios | 30/9 | 15h

Centro Cultural Sesc Quitandinha | 1º/10 | 11h

DESENGAIOLA

Alfredo Del-Penho, João Cavalcanti, Moyseis Marques e Pedro Miranda apresentam o álbum indicado ao Grammy Latino 2022.

Sesc São João de Meriti | 7/10 | 19h

Ingressos: consultar a bilheteria das Unidades.
Programação sujeita à alteração sem aviso prévio.

Acesse o QR Code e confira a programação completa das unidades.

Paulo-Roberto Andel

Eu lembro e me lembro

Eu lembro. lembro de quase tudo. minha memória é delícia e inferno. Eu me lembro quando fiz sinal para um táxi no colo de minha mãe, assim como me lembro de ser carregado em minha festa de aniversário em 1970, aos dois anos de idade. eu lembro do panduíche na revista e do sujismundo na TV.

Eu me lembro quando meu pai me disse "Félix" e "Fluminense" pela primeira vez em 1973, antes dos cinco anos de idade. Lembro de ver minha mãe chorando quando chegamos a Vaz Lobo para morarmos um ano, em 1976 - eu já tinha oito anos.

Volto a Copacabana em 1975 e lembro quando a ditadura me expulsou da escola, ou quando minha mãe chorou muito ao falar com uma jovem mãe em situação de rua na frente do metrô.

Eu me lembro de Ana Paula, linda, passar pela Figueiredo Magalhães, mas aí já tinha 14 anos e isso tem apenas 40 anos.

Eu me lembro de todas as vezes que precisei chegar em casa para dormir, ou às vezes nem ir, para não ter choques com meu pai doente por alcoolismo.

Eu me lembro de quantas vezes me vi diante do Atlântico Sul e pensei no mistério, no medo e na morte, sonhando em ser alguém digno e poder dormir todas as noites em paz - algo que jamais aconteceu.

Recuo e relembro quando ia com meu pai de Copacabana até São João de Meriti, então pegávamos um belo ônibus que passava pela Dutra e eu me sentia feliz por ser um ajudante de loja aos sete anos de idade.

Lembro de minha mãe comprar uma caixa de madeira de um velhinho na Viveiros de Castro, ele era bem velhinho e essa caixa até hoje serve para guardar meus botões.

Eu me lembro de todas as vezes que sofri bullying na escola, todas as humilhações ridículas e todos os rostos dos algozes - a maioria se tornou a mediocridade esperada.

Eu me lembro de uma garota que beijei sem saber o nome, no meio do Ajuri de Cotia com 10 mil escoteiros em 1985. Lembro de quase todas as admirações e paixões que tive, vividas ou não, não sei se sou lembrado.

Lembro das últimas palavras que não troquei com Xuru e Fred, cujas ausências são dolorosas ao extremo para mim, isso com 14 ou 18 anos atrás. e lembro do dia em que fiquei amigo do Xuru em 1984, assim como lembro da primeira vez em que fui à casa do Fred em 1977.

Eu me lembro de ter visto os Paralamas no Parque Lage, quando ninguém os conhecia.

Lembro de antológicas noites no campo em Arcozelo, Vale do Sol, Imbuí, Serra dos Órgãos e Vssouras.

Eu me lembro de ter acariciado uma gata por baixo da mesa enquanto seu noivo tinha ido ao banheiro do bar, 1995.

Eu lembro de Lula perseguido pela imprensa numa denúncia do Pasquim de 1978. E me lembro do homem cadeirante triste, usando uma sonda debaixo da marquise do shopping dos antiquários em 1993.

Eu lembro de todas as injustiças e portas na cara que sofri, e me lembro também das pouquíssimas pessoas que me deram a mão sem oportunismo.

Eu me lembro quando chorei de alegria pela primeira vez, quando passei para a Uerj - tem apenas 35 anos.

Minha memória tem coisas demais, é minha delícia e desastre ao mesmo tempo.

Ainda me lembro.

Um pianista **prodígio**

Filho de percussionista americano e violinista brasileira, William Lehninger Swist faz seu primeiro concerto no país

Divulgação

Aos 11 anos, William já acumula experiência como solista em importantes concertos

Beethoven, Bach, Villa-Lobos, Chopin, Schumann e Prokofiev formam o repertório do primeiro concerto no Brasil de William Lehninger Swist, prodígio do piano clássico que, aos 11 anos, já conquistou importantes prêmios mundiais, como no Concurso Internacional de Piano Aegio.

Com dupla cidadania, do Brasil e dos Estados Unidos - onde vive -, ele faz sua premiére brasileira no Consulado de Portugal no Rio neste sábado (30), às 18h, dentro do projeto Música no Museu. A entrada é franca.

Da terceira geração de uma família de músicos, o pianista é filho da violinista brasileira Marcia Lehninger e do percussionista americano Christopher Swist.

Vivendo em Hartford, Connecticut, William demonstrou interesse pelo piano desde os quatro anos de idade, mas iniciou os estudos formais aos seis, por recomendação de sua avó materna, a renomada pianista e professora Sonia Goulart.

William tornou-se, então, aluno de outra pianista brasileira radicada em solo estadunidense, Raquel Moreno, no Brattleboro Music Center, em Vermont, em 2018.

No ano seguinte, já estreou como solista de concerto, com a Orquestra de Cordas do BMC. Posteriormente, apresentou três recitais solo no Salão Principal do Brattleboro Music Center – junho de 2020, novembro de 2020 e julho de 2021.

Também em 2021, aos 9 anos, William conquistou os dois primeiros prêmios internacionais. Ele venceu o primeiro prêmio na categoria de 9 e 10 anos do Concurso Internacional de Música Barroca de Charleston, na Carolina do Sul, tocando a "Sonata em Dó maior, K. 545", de Mozart. Também foi um dos vencedores do primeiro prêmio, categoria C, no Concurso Internacional de Piano Aegio de 2021, da Fundação Alink-Argerich - que tem a pianista argentina Martha Argerich como uma dos fundadores.

Em 2022, William foi semifinalista do Concurso Jovem Internacional de Piano Kaufman e finalista da Masterclass Stephen Hough da Orquestra Sinfônica de Vermont, com o Concerto para Piano em Ré Maior de Haydn.

Recentemente, em julho de 2023, fez sua estreia no Carnegie Hall como parte do Concerto de Gala Hotchkiss Piano Portals, apresentando Bach e Chopin. Em agosto, foi selecionado para participar e atuar na Academia de Verão da Universidade Mozarteum, sob a tutela de Andreas Weber.

SERVIÇO

WILLIAM LEHNINGER SWIST
Consulado de Portugal (Rua São Clemente, 424, Botafogo)
30/9, às 18h
Entrada franca

Divulgação

Drica Moraes protagoniza a versão cinematográfica de 'Pérola'

O Shakespeare de Bauru

Estreia do filme 'Pérola' revive a relevância da dramaturgia de Mauro Rasi nos palcos do país

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Crônicas da vida familiar por vezes puxadas no tempero agridoce, mas, por vezes, levemente amargas, as peças de Mauro Rasi (1949-2003) começaram a sair do forno há 60 anos, quando ele ainda era adolescente, com "Duelo do Caos Morto", e contagiaram o teatro brasileiro, a partir de sua terra natal, Bauru (SP), com um espírito observacional sobre as convenções das famílias, entre pecados, delitos, cumplicidades e quereres.

"A Cerimônia do Adeus" (1987), "A Estrela do Lar" (1989), "O Baile das Máscaras" (1991), "Viagem a Forli" (1993) e "A Dama do Cerrado" (1996) abrilhantam um repertório dramatúrgico que, a partir deste fim de semana, ganha os holofotes do cinema. Uma versão da peça "Perola", de 1995, (muito bem) dirigida pelo ator Murilo Benício entra em cartaz, dando à atriz Drica Moraes a deixa para emplacar uma das personagens mais encantadoras que nosso audiovisual há de ver este ano.

"Mauro contribuiu para o teatro trazendo um olhar muito crítico, cômico e amoroso sobre a família tradicional classe média brasileira. Esses arquétipos de pai, mãe, filhos, tias e avó... ele usa esse conjunto em quase toda obra dele e, ali, ele bota vários valores em jogo para reflexão e para enorme divertimento", explica Drica, laureada com o troféu de Melhor Atriz no Fest Aruanda de 2022, na Paraíba, por seu desempenho no longa-metragem. "O meu contato com Mauro foi através da peça 'O crime do Dr. Alvarenga', acho que do ano de 1998.

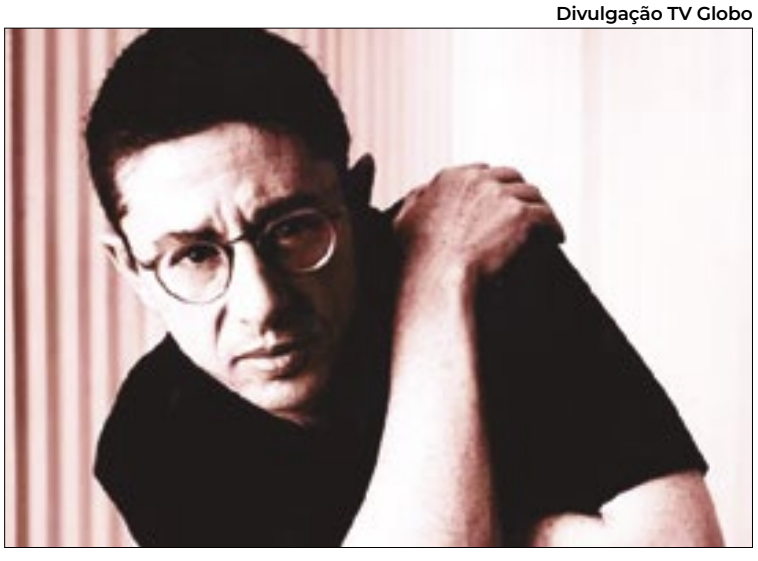
Depois de ele ter escrito a peça 'Pérola' para a mãe, o pai dele morre e Mauro escreve uma peça para ele. Nessa obra, tem esse jogo de arquétipos. Eu faço a filha Elisa e o pai é interpretado pelo Paulo Autran. E ainda tinha o Ernani Moraes fazendo o genro e o Guilherme Piva, o alter ego do Mauro. A gente ficou alguns meses em Bauru, ensaiando por lá. Conheci um pouco da terra, daquela gente, daquele humor e daqueles valores todos. Foi ali o nosso grande encontro".

Drica viu "Pérola" nos palcos com Vera Holtz e saiu encantada com a atuação dela. "A Vera arrebentava com uma personagem solar. Linda, de um humor muito fino. Era muito maravilhoso, não tinha como eu não sair dali muito feliz e muito impactada".

Seis anos depois de ter arrebatado o cinema brasileiro com "O Beijo no Asfalto", seu longa de estreia como realizador, Benício comprova com "Pérola" que seu potencial na direção é irrefreável, sobretudo no diálogo com o teatro.

"Eu tive o privilégio de conviver bastante com o Mauro, desde quando ele me chamou pra fazer a peça 'As Tias', em 1995, onde eu interpretei o próprio Mauro. A peça foi um sucesso absoluto de crítica e público, mas nada que se comparasse a 'Pérola', que, na época, era interpretada pela Vera Holtz. Quando eu assisti à peça pela primeira vez, fui jantar com o Mauro e falei que ele tinha que transformar a peça em filme. Acho que isso acabou ficando na minha cabeça, eu sabia do potencial daquela história", lembra o astro. "Infelizmente, Mauro nos deixou muito jovem. Então, quando eu decidi fazer a adaptação, eu tinha em mente que queria fazer uma versão que eu acreditasse que o Mauro faria. Os fãs da peça vão poder reconhecer a essência da obra no cinema".

Divulgação TV Globo



Depois da invenção do chamado Besteirol, Mauro Rasi centrou sua dramaturgia na escrita de si mesmo

Crítica teatral do Correio da Manhã, a professora Claudia Chaves flagra sólidos elementos de autoficção na obra do dramaturgo:

"Mauro Perroca Rasi, depois da invenção do chamado Besteirol, centrou sua dramaturgia na escrita de si. A partir da sua vivência em Bauru, com sua família, impressões juvenis que se tornam adultas em seu texto, constrói uma obra que reflete a realidade, primeiramente, na trilogia 'A Estrela do Lar', 'Cerimonia de Adeus1 e 'Viagem a Forli'. Mas com 'Pérola', escreveu um dos maiores, melhores e mais importante textos do teatro brasileiro, uma obra-prima que reúne o humor cáustico das frases curtas do besteirol e as dores da autobiografia. Ilumina sua vida, com as mazelas do interior de Bauru, utiliza a rotina familiar e transforma sua mãe em um personagem inesquecível".

Autor de "Abalou, Bangu!", o diretor teatral e também dramaturgo Flávio Marinho enxerga o lugar de Rasi numa tradição histórica centrado nas engrenagens institucionais da vida doméstica. "Ele deu continuidade à temática familiar iniciada por Naum Alves de Souza em 'No Natal, a gente vem te buscar', algo que estava fora da cena brasileira", conta Marinho. "Meus primeiros contatos com Mauro foram por meio das peças que ele escreveu a quatro mãos com Vicente Pereira. A primeira que vi foi 'À Direita do Presidente', com a Aracy Balabanian. Tinha um viés político que ele abandonou depois de abraçar a carreira solo. A montagem que mais me impactou talvez tenha sido 'Viagem a Forli', que era, ao mesmo tempo, cinematográfica e teatral, encenada com grande rigor".

ENTREVISTA / MAURÍCIO TIZUMBA, ATOR E MÚSICO

‘Me chamavam pra **tocar, cantar, dançar, declamar**, me pagavam e eu ia’

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

“Viva o Povo Brasileiro” é um musical que representa toda a cultura brasileira. Considerado uma das principais obras do escritor João Ubaldo Ribeiro, que recebeu o Prêmio Camões e também o Jabuti. O livro ganha inédita versão musical para o teatro, produzida pela competente e inventiva Sarau Cultura Brasileira de Andrea Alves, de Anacom o título de “Viva o Povo Brasileiro (De Naê a Dafé)”.

Com 30 músicas originais de Chico César, com letras inspiradas e/ou utilizando parte textual da obra; direção musical e trilha original de João Milet Meirelles (da banda BaianaSystem), a pesquisa para a montagem teve início na investigação de doutorado feita na Universidade de Lisboa, pelo diretor André Paes Leme

Impecável, comovente, apaixonante tem um conjunto de artistas raros de se ver. Dançam, cantam e representam de tal modo que o espetáculo flui muito bem. Entre Alexandre Dantas, Guilherme Borges, Hugo Germano, Izak Dahora, Jackson Costa, Ju Colombo, Júlia Tizumba, Luciane Dom, Maurício Tizumba e Sara Hana foi Maurício quem nos falou com exclusividade.

Maurício Tizumba é um instrumentista, cantor, compositor, ator e empreendedor cultural brasileiro nascido em Minas Gerais, com carreira artística estabelecida desde 1973, totalmente comprometido com os valores da cultura popular brasileira. E aqui temos o enorme privilégio de ver Tizumba atuando. Um vigor, uma atuação e um compromisso que torna imperdível assistir a tudo o que ele faz.

Divulgação

‘Vi que se eu não inventasse as minhas próprias coisas, a minha história parava’

Maurício Tizumba

Quais são maiores influências?

Maurício Tizumba - Então, eu sou da cultura popular, lidando com as manifestações de reinado, de congado, com as manifestações de matriz africana, como candomblé e umbanda. No meu caso de ser múltiplo, tem um ditado: a necessidade faz o sapo pular. Quando eu ainda muito jovem, lá com meus 15 anos, iniciei minha carreira de 50 anos, quando consegui a minha carteira da ordem dos músicos. Me chamavam pra tocar, cantar, dançar, declamar, me pagavam e eu ia. Até que vi que se eu não inventasse as minhas próprias coisas, a minha história parava e hoje, graças a Deus, passei a fazer parte do elenco de “Vivo Povo Brasileiro”. Sempre mexi com o teatro, desde sempre. Eu gosto de fazer teatro também, eu gosto de ópera fiz “Pedro e o Lobo” no Municipal. A minha capacidade de ser essas coisas todas é mesmo de sobrevivência e eu demais da arte e cultura popular. Hoje, da cultura popular, eu consigo passar por ópera, consigo passar por operetas. E a minha maior influência, volto a dizer, que está na cultura popular mesmo, porque nela eu aprendi muita coisa. Trabalhando 50 anos de carreira a negritude, com a cultura negra nesse país, conheço a história de um Benjamim de Oliveira, de Grande Otelo, um grande cantor como Monsueto. A minha história mesmo começa mesmo lá nas irmandades do povo preto-congadeiro, a minha influência está ali, onde eu toco, canto, danço e essa forma de tocar, cantar e dançar é a forma do povo de matriz africana. Então a gente já faz o espetáculo.

Como um criador inventivo e muitíssimo talentoso trabalha em uma super-produção?

Venho trabalhando com essas superproduções já há um bom tempo, porque minha companhia Burlantins a gente começou coisas pequenas. Temos um espetáculo grande para teatros grandes, chamado Herança, com direção de Grace Passô, Sérgio Pereira e Júlia Tizumba, minha filha. São as histórias da nossa própria história mesmo que começa lá em Camarões. Chego aos 65 anos com 35 espetáculos, acredito que ainda, agora em outubro eu começo a ensaiar mais um, desses es só 4 não foram musicais. Ganhei um grande prêmio no Rio de Janeiro, com o Jumento dos “Saltimbancos”. Feliz demais por estar fazendo esse trabalho com a direção do André Paes Lemes com quem fiz Grande Otelo, Eita moleque bamba, com Flávio Baurach e Vilma Melo. André é um diretor totalmente na contramão desse universo, do que é dirigir, assim, ele é um camarada muito da sensibilidade e que entende a vida da gente, que trabalha por esse mundão aí, atuando.

CRÍTICA / TEATRO / O DOENTE IMAGINÁRIO

Bem vindos ao Teatro **do Busto**

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação

'O Doente Imaginário': adaptação perfeita de um clássico

Sabemos o quanto são difíceis as adaptações de textos clássicos. Afinal, são uma tradução e tradução é traição. E o desafio é ainda maior quando os textos são uma narrativa tradicional, com princípio, meio e fim, respeitando as regras do unidade de tempo (toda a ação em um dia), unidade de lugar (no mesmo cenário) e verossimilhança (se fosse realidade, assim o seria). São essas três características que, de forma muito eficiente, o jovem Grupo Teatro de Busto realiza em "O Doente Imaginário", de Molière, de forma hábil.

Embora digam que é a partir de Molière, o que vemos é um Molière inteiro, total, como se diria em francês, au grand complet. O Grupo Teatro de Busto é composto por artistas independentes de diferentes estados do Brasil, que se reuniram dentro dos cursos de teatro, nas universidades públicas do Rio de Janeiro (Unirio e UFRJ), o que lhes permite respeitar o texto e trazer para a contemporaneidade sem que se perca nada.

Com figurinos que nos levam imediatamente ao século 17, perucas, rostos empoados, somos transportados para o ambiente de origem. Como a comédia comemora 350 anos, as interpretações, equilibradas, cômicas fazem com que a plateia possa rir, independente de conhecer a trama. Além disso os movimentos corporais exagerados, bem executados acentua a comicidade.

Como são um grupo, além dos papéis que encenam, desempenham as funções de produção e por isso merecem a ficha técnica completa: Direção e adaptação: Ketrolin Rossetto; elenco: Dudu Gehlen (Dona Bela), Gustavo Kaz (Cleanto); produção, letras e músicas originais: Jefferson Santi (Aragan); produção e programação visual: Leo de Moraes (Toninha); Lucas Rodrigues (Doutor Boamorte); Victoria Brandão (Angélica); cenografia e figurino: Cleiton Almeida; caracterização: Cleiton Almeida e Leo de Moraes; preparação corporal: Aruam Galileu; preparação vocal: Lucas Vergara; arranjos musicais: Rômulo Sá.

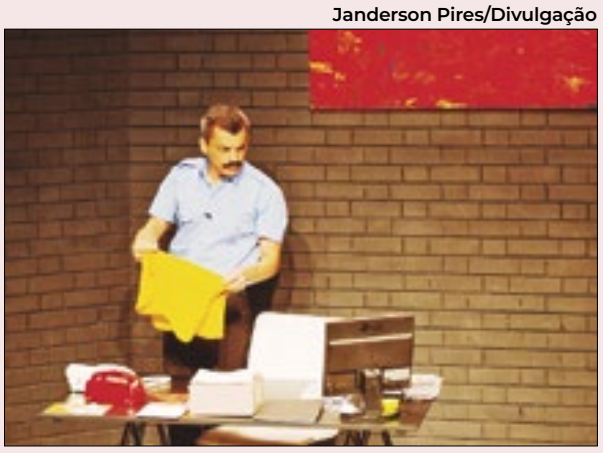
E dessa força do que é o teatro, grupo, repertório, união, talento, empenho, coragem, inteligência que a turma do Teatro do Busto realiza um ótimo espetáculo. E levem as crianças e os jovens, porque ninguém pode perder.

SERVIÇO
O DOENTE IMAGINÁRIO
Teatro Candido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema)
Até 1/10, sábado e domingo (18h)
Ingressos: R$ 50 e R$ 25 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Janderson Pires/Divulgação



'O Porteiro' de volta

Após estrear o filme em todo Brasil, Alexandre Lino, faz duas únicas sessões de "O Porteiro – A Comédia" no Teatro Miguel Falabella em Del Castilho – Norte Shopping neste sábado e domingo (30 e 1º). Uma das comédias de maior sucesso no Brasil, vencedor do prêmio Fita e indicado ao Prêmio do Humor idealizado por Fábio Porchat. Com direção de Paulo Fontenelle, que também assina o texto, a montagem que faz uma grande e divertida homenagem a todos os porteiros do Brasil, tem gratuidade exclusiva para os porteiros que comprovem que são profissionais da área.

Jogos teatrais

O Programa Educativo Futuros do projeto Polos Hub, iniciativa de intercâmbio cultural museológico do Futuros - Arte e Tecnologia e do Coeficiente Artístico, apresenta as oficinas de jogos teatrais. As oficinas são livres para todos os públicos e serão realizadas neste sábado (30), às 15h, no Futuros. São jogos de conscientização corporal, estímulo à atenção e aos sentidos, comunicação criativa, linguagem fotográfica e memória para potencializar a criatividade e a habilidade de improvisar. Livre para todos os públicos.

Divulgação

Divulgação

Em defesa da Amazônia

Inspirado na maior árvore da floresta Amazônica, o espetáculo de dança "Angelim Vermelho", no Sesc Copacabana até domingo (1º), ecoa o clamor da floresta e dos povos originários em meio às violações, invasões e destruições. O espetáculo, que escancara a dor, a tristeza e o lamento da floresta de modo poético com um alarme a toda humanidade, é sobre as diferentes vozes pulsantes que ecoam na mãe terra. Idealizado e interpretado pela multiartista Francis Baiardi, amazonense e artista independente que pesquisa, cria e atua na dança contemporânea.

ENTREVISTA / CAROLINA MARKOWICZ, CINEASTA

‘A comunidade LGBTQIA+ brasileira **vive uma tragédia** que por vezes é patética’

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Hanna Vadasz/Divulgação

Homenageada no Festival de Toronto, no último dia 10 com o Tribute Awards, na categoria Talento Emergente, a diretora paulista Carolina Markowicz encantou com os canadenses com seu olhar irreverente sobre pecados morais do Brasil (entre eles o crime da homofobia), que chega hoje à Espanha. Um ano depois de ter brilhado nas telas de San Sebastián com “Carvão”, ela regressa ao evento espanhol, na seção Horizontes Latinos, com “Pedágio”.

Maeve Jinkins tem um desempenho arrebatador no papel da mãe solteira, cobradora de uma cancela de estrada, que resolver submeter seu filho adolescente a um processo de cura gay. O rapaz é vivido por Kauan Alvarenga, astro do curta que rendeu à realizadora a Queer Palm de Cannes, em 2018: “O Órfão”.

Na entrevista a seguir, Carolina explica ao Correio da Manhã qual retrato da hipocrisia brasileira vai projetar nesta sexta-feira em San Sebastián.

Que “Pedágio” o fundamentalismo que prega a cura gay cobrou do Brasil? De que maneira seu filme dialoga com outras narrativas recentes (Boy Erased, Tremblores) sobre o tema?

Carolina Markowicz: O grande pedágio que o fundamentalismo cobra é a herança de seus preceitos ao não fundamentalismo. Uma sociedade em que a homofobia é disseminada de tal modo a que a orientação sexual “não-normativa” é mal vista até para quem não segue qualquer religião. A homofobia amalgamada na sociedade civil, independente de fanatismos. É o microcosmos da vergonha, da vergonha da vizinha e do amigo do trabalho, do julgamento de quem está ao redor. Acho que as outras narrativas recentes que você cita tratam o assunto com o devido drama, já “Pedágio” trata com o devido sarcasmo. A comunidade LGBTQIA+ brasileira vive uma tragédia que por vezes é patética. Alguns comportamentos de políticos ou pastores são emblemáticos, e cada semana é um novo show de horror, como o deputado na semana passada, citando apelidos de órgãos genitais na câmara dos deputados em sua guerra particular contra identidade de gênero. Aí você vê aquele senhorzinho falando que homem tem “binga” e mulher “tcheca” e é impossível não vislumbrar a tragicomédia. Sempre muito violenta, mas extremamente patética.

Que Brasil reside ali naquela cancela onde a personagem de Maeve Jinkins trabalha?

O Brasil que lá reside é o da mãe solteira, chefe de família, responsável pelo sustento do filho. E para isso, enfrenta uma vida dura, acorda quando o sol ainda não nasceu, tem que resolver tudo sozinha e com poucos recursos. E ainda está fadada aos julgamentos religiosos e sociais das pessoas ao seu redor. Ninguém se compadece com essa mulher, há apenas cobranças em relação ao que essa sociedade espera dela, e dos descendentes que ela gerar.

De que maneira Kauan Alvarenga amadureceu como ator desde seu “O Órfão”? Que universo queer as narrativas de vocês investigam?

Kauan agora é um homem de 18 anos, e não mais um adolescente de 13. É uma fase em que poucos anos suscitam grandes diferenças. Ele amadureceu como pessoa e como ator, mas sem perder o que considero o mais admirável nele: a naturalidade e, sobretudo, a ausência total de deslumbramento, fator fundamental para a espontaneidade de um ator jovem. Minhas narrativas investigam um universo queer onde não existe (ainda que exista!) vítima e algoz. É um lugar onde as contradições do ser humano, influenciado pelo tempo e espaço em que vive são o ponto principal a ser enxergado. Sem uma romantização, mas com a potência da complexidade.

Como foi a acolhida para “Carvão” em San Sebastián, em 2022, e que expectativa você tem para “Pedágio” nesse seu regresso à Donostia?

San Sebastián foi extremamente generosa com “Carvão”. Passamos dias incríveis e o filme foi muito bem recebido. Foi emocionante ver a reação da audiência ao final da sessão e o teatro lotado, seguindo lotado para a sessão de Q&A (perguntas e respostas). Sempre acho esse um belo termômetro do interesse do público pelo filme. Espero que o público se divirta e se emocione com “Pedágio” também. Estamos aqui com os dois protagonistas, Kauan e Maeve, e com grande parte da equipe, além de ser nossa première europeia. Portanto será muito emocionante.

Que representação da força feminina Maeve tem te ajudado a criar?

Maeve é uma atriz genial. É uma potência em trazer à tona emoções tão complexas. E tem um entendimento do tipo de humor que acredito, que é o humor austero, ácido, que se confunde e se mistura ao drama. Desconfortável. Uma atriz como ela é sempre uma força magnética para um filme.

Divulgação

Michael Fassbender em 'O Assassino', longa que encerra a programação do festival

Na **mira** das HQs

'The Killer', adaptação de quadrinho francês dirigida por David Fincher, é o filme surpresa do Festival de San Sebastián, que encerra suas atividades amanhã, com favoritismo argentino

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Indicado ao Leão de Ouro de Veneza e preparado para estrear na Netflix em 10 de novembro, "O Assassino" ("The Killer"), o novo longa-metragem de David Fincher ("Mank", "Se7en"), será exibido em San Sebastián neste sábado, entre os eventos de encerramento da edição nº 71 do festival espanhol, onde entra na programação como filme surpresa.

Nos últimos anos, longas como "Blonde" (2022) e "Coringa" (2019) foram projetados no evento sem anúncio prévio, a fim de brindar a plateia com títulos que têm potência para disputar o Oscar. Nele, Fincher faz uma releitura da série de BDs (Banda Desenhada, o termo da França para gibis) "Le Tueur", de Luc Jacamon e Matz, tendo Michel Fassbender, o Magneto, no papel de um matador de aluguel em crise.

Na reta final, às vésperas de o júri presidido pela diretora francesa decidir os ganhadores dos troféus oficiais, uma leva de títulos de língua espanhola se destacam como favorito. O mais bem falado dos concorrentes é "Puan", comédia argentina de María Alché e Benjamín Naishtat.

Produzido em parceria com o Brasil, o longa-metragem é o exercício estético mais pleno (em excelência técnica e em ardor) de toda a disputa pelos troféus ibéricos de 2023. Um elenco em estado de graça, com destaque para Marcelo Subiotto, guia uma comédia exuberante sobre ensino na seara da edução universitária pública de nuestros hermanos. Subiotto tem uma atuação elétrica no papel de Marcelo Pena, professor de Filosofia especializado na obra de Thomas Hobbes e de Martin Heidegger que tem a chance de assumir o posto deixado por seu antigo mestre.

Sua vida é confusa, mas suas ideias são brilhantes. Mas o retorno de um apavonado colega de seu passado, Sujarchuck (Leonardo Sbaraglia, que dispara como favorito ao prêmio de coadjuvante), tira seus planos e sua paz do eixo. Mas o que poderia ser um duelo de vaidades se transforma - numa virada de roteiro brilhante - em um estudo sobre a luta diária de educadoras e educadores. A escrita fina do filme ganha ainda mais viço com a fotografia de Hélène Louvart.

Estima-se que a catalã Isabel Coixet possa conquistar o troféu de Melhor Direção por seu trabalho em "Um Amor", uma adaptação do best-seller homônimo de Sara Mesa sobre uma ex-bailarina e tradutora que se apaixona por um exótico aldeão ao se mudar para o campo. Uma produção americana também tem força para sair da cidade laureada: "Ex-Husbands", com uma memorável atuação de Griffin Dunne no papel de um dentista que se separa depois de 35 anos de casamento.

"Não assumir o júri esperando formatos de gênero específico, mas sim buscando ver filmes de países diferentes e escutar as diferentes impressões de colegas", disse Claire ao Correio.

Em sua seleção de clássicos revisitados, San Sebastián finaliza sua repescagem de sucessos do passado resgatando o fenômeno portenho "Nove Rainhas" ("Nueve Reinas", 2000), de Fabián Bielinsky, O filme que apresentou Ricardo Darín ao Brasil, antes de "O Filho da Noiva" (2001), também estrelado por ele, concorrer ao Oscar.

Cheia de reviravoltas, a trama acompanha os percalços de dois vigaristas (Darín e Gastón Pauls, laureados com um prêmio duplo de Melhor Interpretação no Festival de Biarritz) para enganar um filatelista com uma coleção de selos rara.

Para o encerramento de suas atividades, o curador José Luis Rebordinos, convocou "Dance First", cinebiografia do dramaturgo Samuel Beckett (1906-1989), com Gabriel Byrne, sob a direção de James Marsh.

Donostia veste Gilda

No empenho de juntar cinefilia e consumismo, as grifes independentes de Donostia (nome de San Sebastián em idioma basco) confeccionam blusas inspirados em ídolos das telas, por vezes com dizeres engraçados, em expressões idiomáticas de sua região. Mas, no caso de Rita Hayworth (1918-1987), sua performance icônica à frente de "Gilda" (1946), ganha uma versão estilizada, em tecidos variados, que desfilam nos corpos dos espectadores do lotado festival da cidade espanhola.

A escolha de seu rosto se deve à comemoração de seus 105 anos, que vão ser festejado também no Brasil numa mostra que está no ar na sala 2 do Estação Net Botafogo. São 14 filmes, com sessões sempre às 19h e 21h, até 4 de outubro.

O evento, organizado pelo crítico e cineasta Mario Abbade, em parceria com a Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ) apresenta "Ao compasso do amor", com Fred Astaire; "Modelos", com Gene Kelly; "Os Amores de Carmem", "Salomé" e outros sucessos. **(R.F.)**

CRÍTICA / CINEMA / NOSTALGIA

Era uma vez **em Nápoles**

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Coroado em 1992 com o Prêmio Especial do Júri de Veneza, por "Morte di un Matematico Napoletano", Mario Martone concorreu em Cannes, em 1995, com "L'Amore Molesto", e lá voltou, via Un Certain Regard, em 1998, com "Teatro di Guerra". Mas nada do que fez nos anos 1990, nem nas duas últimas décadas, pode se comparar ao que ele entrega no drama com elementos de thriller de máfia "Nostalgia", exibido em competição pela Palma de Ouro em 2022. Só agora o filme estreia comercialmente aqui.

Martone é um moderno tardio, que não se fez na liquidez moral da pós-modernidade. Mas ele teve a sagacidade de entender parte das chagas desse nosso tempo, como é o caso da gentrificação; do emasculamento; do sucateamento da honra; da destruição dos signos de fé, por apostasia ou por banalização. E esse sagaz olhar gera um filme universalíssimo, que se passa em Nápoles, mas poderia se passar na Penha.

Pierfrancesco Favino – que filmou "O Traidor" de Bellocchio aqui no Rio – é o aríete com o qual Martone avança rumo à consagração e a um merecido Prêmio do Júri, com seus ângulos de câmera vívidos e inquietos, explorando a profundidade de campo da Nápoles para onde seu protagonista regressa. Ele tem 95% de "Nostalgia" pra si. Os 5% que sobram se dividem entre o padre Rega (Francesco di Leva) e o bandido Oreste (Tommaso Ragno, um sósia do brilhante Roney Villela). Este foi o maior amigo que Felice, construtor e dono de empreiteira no Egito, vivido por Pierfrancesco, teve em seus anos de formação.

Divulgação

Pierfrancesco Favino na arrebatadora narrativa sobre amizade numa Itália dominada pela Máfia

No início do longa, Felice regressa à sua cidade natal par cuidar da mãe doente. É um terço de arrancada doce, onde a câmera do fotógrafo Paolo Carneva gira em espasmos, caçando um quadro que fuja da obviedade. Caça, caça... e consegue. Sempre. Passada essa introdução com ares melodramáticos, de mamãe e filho, uma pergunta feita por Felice muda as rédeas da narrativa: "Onde está Oreste?". No passado, os dois eram unha e carne, até um crime mudar tudo. Ao tentar entender o que foi feito daquele amor de ontem, amor de bromance, de pura amizade, Felice começa a se (re)encaixar numa paisagem que abandonou há 40 anos. Mas nem sempre a paisagem nos quer de volta. Nem sempre aquele a quem confiamos nosso coração deu valor à imolação que fizemos, fortuitamente. O saldo é a ressaca. Mas nem toda ressaca é só de álcool, ou só de sal. Eis o que Martone nos mostra, num longa devastador.

CINESTREAMING

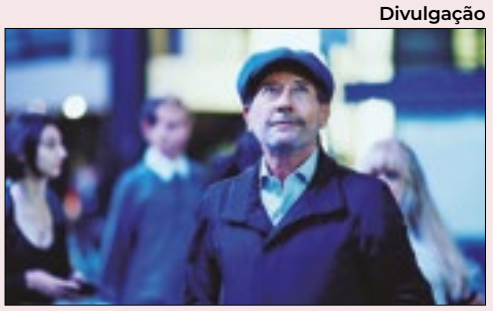
POR RODRIGO FONSECA

Divulgação

'Perdida'

Toca

Mundo Cão



Granizo

PERDIDA, de Luiza Shelling Tubaldi, Katherine Chediak Putnam e Dean W. Law: Exuberante adaptação da literatura best-seller de Carina Rissi para dar ao Brasil um "filme de princesa" digno dos códigos da Disney, mas feminista até a medula. Giovanna Grigio desponta como candidata a Julia Roberts neste conto de fadas que dialoga com a prosa de Jane Austen (1775-1817), autora de "Orgulho e Preconceito". Onde ver: Star +

TOCA (2020), de Madeline Sharafian: Uma delícia de curta-metragem, indicado ao Oscar 2021 por sua precisão narrativa, que esbanja fofura no olhar de sua diretora sobre o mundo animal. Na trama, uma coelhinha cria um projeto de engenharia para construir a toca de seus sonhos. Mas, cavando a esmo, a protagonista acaba se metendo em mil confusões na sequência de um roteiro hilário. Onde ver: Disney +

A AVÓ (2021), de Paco Plaza: Indicado à Concha de Ouro no Festival de San Sebastián, este thriller de horror espanhol põe a atriz e modelo brasileira Vera Barreto Leite no papel principal. Ela assina Vera Valdez. Na trama, a modelo Susana (Almudena Amor) tem que interromper sua candidatura a uma campanha de luxo em Paris para cuidar de sua vó, Pilar (Vera). Foi Pilar quem criou Susana por meio de estranhos rituais. Onde Ver: HBO Max

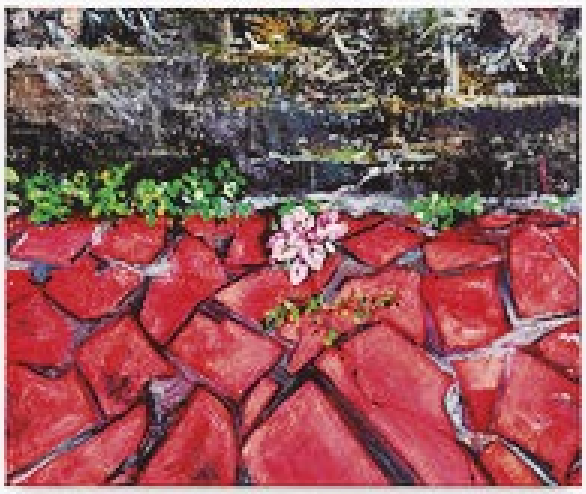
MUNDO CÃO (2015), de Marcos Jorge: Joia pouco valorizada do garimpo do cineasta que nos deu "Estômago". Babu Santana é um hábil funcionário do Departamento de Controle de Zoonoses – a boa e velha carrocinha – que captura o cachorro bravo de um bandido imparável, Nenê, papel de Lázaro Ramos. Ao saber do que seu passou com sua mascote, o criminoso resolve sequestrar o filho de Santana. Onde ver: Globoplay

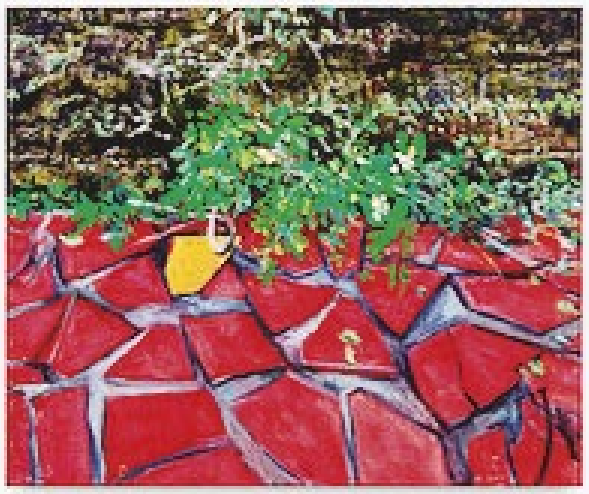
GRANIZO, de Marcos Carnevale: O cinema argentino faz jus à sua vocação para comédias de costumes com esta ácida reflexão sobre a mídia e a cultura das celebridades protagonizada por Guillermo Francella. Ele encarna um popstar da previsão do tempo que vira alvo de um cancelamento após não prever uma terrível tempestade. O meteorologista volta à cidade natal numa jornada de autodescoberta. Onde ver: Netflix

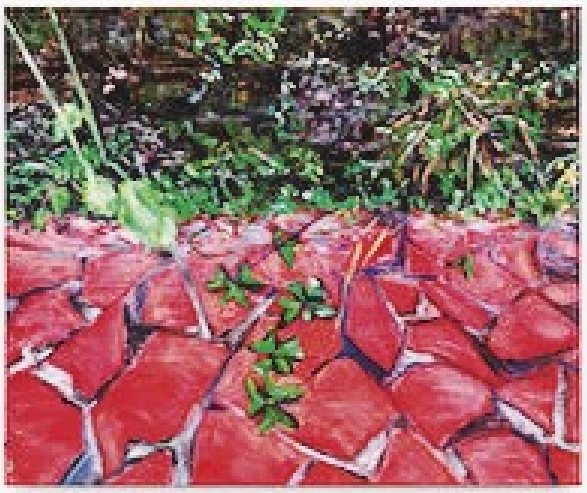
Fotos Felipe Berndt/Divulgação

A força rebelde da natureza

Ana Calzavara leva à galeria Mul.ti.plo a exposição 'Quiçaça', com sua produção recente







Ana Calvazara exibe em suas obras as plantas rebeldes que rasgam muros e calçadas

No vocabulário popular, quiçaça significa mato baixo e espinhento, capoeira de paus tortuosos e ásperos. Esse é o nome da exposição que a galeria Mul.ti.plo exibe da artista Ana Calzavara. Em obras inéditas, a pintora paulista traz à luz essas pequenas plantas rebeldes e obstinadas, que rebentam de um muro descascado, das gretas de uma calçada, do asfalto esburacado.

Quem assina o texto crítico é o curador e pesquisador Victor Gorgulho. Todos os trabalhos são recentes e foram produzidos especialmente para a exposição, que será a primeira individual da artista na galeria e no Rio.

"Quiçaça" reúne cerca de 25 pinturas em óleo sobre tela, cinco sobre cerâmica e um tríptico de xilogravuras. Há também nove frottages, feitas em papel japonês com carvão, bastão a óleo, guache e pastel. "Captei a rugosidade, a matéria bruta da rua esburacada, a selva de pedra e as plantas que vão nascendo nessas gretas", diz a pintora natural de Campinas, que vive em São Paulo. Nas obras dela, a arte insiste em brotar nos locais mais inóspitos. "Nessa exposição eu queria trazer essa graça da planta nascendo apesar das adversidades. Essa vivacidade do broto fala de insubordinação, resiliência, mas igualmente de alegria e esperança. Isso me interessa", resume a pintora.

Em suas pinturas, Ana Calzavara tem a capacidade de lidar com elementos aparentemente banais e corriqueiros, que, envoltos por uma complexidade em termos pictóricos, desperta a partir da linguagem da arte, novas percepções de mundo. Segundo Maneco Müller, sócio da Mul.ti.plo, para falar da poética da artista vale lembrar uma afirmação de Ferreira Gullar (1930-2016) sobre a escrita de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): "O que me marcou mais foi a exploração de certos aspectos muito banais da realidade que eram transformados em poesia". E explica: "Calzavara tem essa rara faculdade de encontrar no ordinário, aos olhos comuns, matéria para falar de seu tempo. Essa insurgência, que se dá pelas beiras, pelos entres, é absolutamente surpreendente e contemporânea, por trazer em si uma radicalidade monumental de quem enfrenta todas essas dificuldades e obstáculos", diz o galerista, que comanda a casa ao lado de Stella Ramos.

A pintura de Calzavara nos convida também à fruição em um outro tempo. Em suas obras, a mesma cena pode estar repetida. "Alguns trabalhos têm uma espécie de cacofonia, uma repetição de um pedaço da pintura, um zoom de uma das partes... É um interesse meu que vem se intensificando, um convite ao observador a desacelerar o tempo de leitura da imagem, a olhar novamente, por diferentes ângulos", conclui a artista.

SERVIÇO

QUIÇAÇA
Mul.ti.plo Espaço Arte (Rua Dias Ferreira, 417/206)
Até 1/12, de segunda a sexta (10h às 18h30) e sábados, sob agendamento
Entrada franca

POR **CARLOS MONTEIRO** | FOTOS E TEXTO

É chegado o tal sol de **primaverão**

Chegou pela Júlia, terceira geração Guedes. Com maviosidade, para Silvana, mulher que representa todas as mulheres como o arco-íris. Mulher que anotou acordes singelos, naquela madrugada 'perdida', em um Belo Horizonte resplandecente, no bar/boteco chamado Brasil.

Chegou em boa-nova, aliás, chegou-chegando, talvez pulando a estação das flores, chegou meio primaverão.

Chegou em uma geleia telúrica, misto de mineiralidades-mineirais, genialidades-soteropolitanas, poesia-potiguar, ginga-carioca. É Tavito, Beto, Ronaldo, Brant, Lô, Hyldon, Gilson, Joran, Rodrix...

Chegou me fazendo pensar na casa no campo, branquinha, pau a pique e sapê. Pensar na chuva abençoando, salpicando a terra onde hei de colher com as mãos os amigos que têm o tamanho da paz. Abrindo as janelas do peito e, quem sabe, do quarto de dormir. Pensando em esperançar em glórias, aleluias e saravás.

Chegou como quem chega do nada, com um ramalhete multicor, as tais cores fridakahlianas de Almodóvar, no trenzinho montanhês, apitando Villas, lobos uivantes em lua crescente.

Chegou para molhar os pés nas águas doces da Oxum, para se banhar em suas cachoeiras, jardim primaveril em lírios entre rosas, que exalam perfumes e calam línguas cansadas.

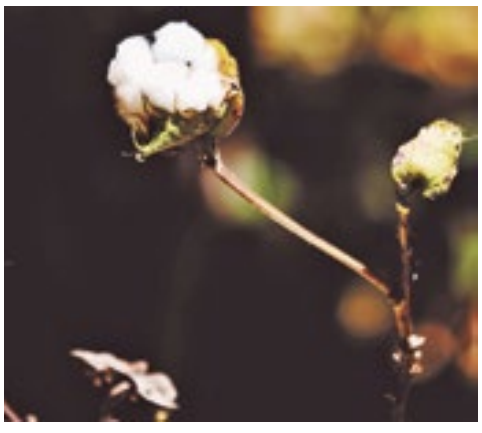
Chegou em alvoradas chamejantes, arrebol, às vezes niltoniano, às vezes gutemberguiano, fúcsia ou ciclâmen não importa.

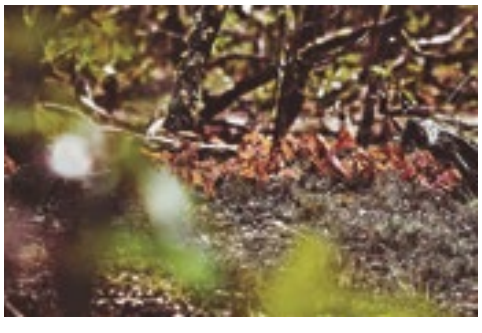
Chegou, talvez tanto e somente para re-anunciar a psicodélica nova era de Aquário, para ouvirmos mais rocks rurais, para mais toda(o)s no lugar de 'eus'.

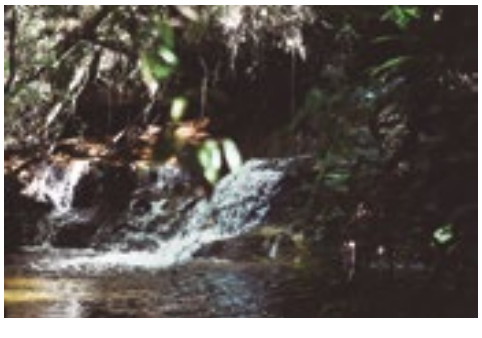
Chegou, desta vez fazendo alarde, demonstrando que alguma coisa está fora da ordem racional da natureza, que está mais que na hora de olharmos para os céus, de entendermos o Universo. A natureza 'grita' por socorro, pede, implora: "cuidem de mim!"...

Chegou, mas o hotel Marina já na acende mais, os inocentes já não veem as bailarinas no Leblon e andar até lá se tornou tarefa árdua, driblando as pedras portuguesas soltas pelo caminho.

Chegou.







Para comer *igual pipoca*

Petisco feito com camarão empanado ganha destaque nos menus dos restaurantes japoneses cariocas

Por **Natasha Sobrinho** **(@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Se existe uma entradinha unânime entre os cariocas e presença certa na maioria dos menus dos restaurantes japoneses do Rio, são: as pipocas de camarão. O prato nada mais é do que um bolinho frito com massa de tempurá, recheado com cubos de camarões e acompanhados com diversos tipos de molho: desde do agridoce até maionese apimentada. Se você é fã do petisco, veja abaixo o roteiro que o Correio da Manhã preparou para você:

Divulgação

YUSHA

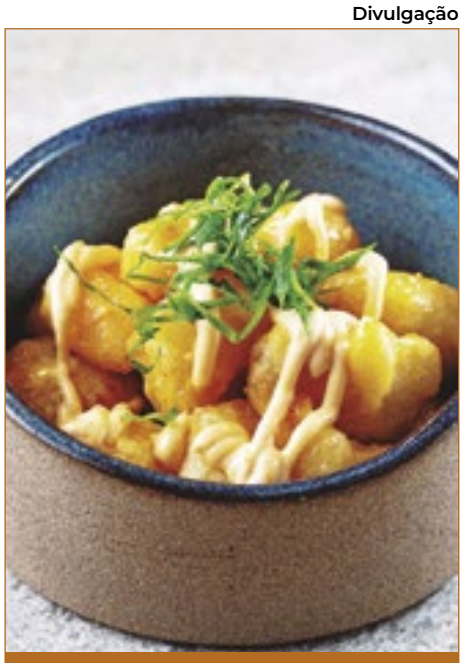
Filico/Divulgação

NAGA

Divulgação

GURUMÊ

Divulgação



HATCH

Divulgação

LEVE SUSHI

Divulgação

MANABU

GURUMÊ – Na rede de restaurantes, uma das entradinhas que mais fazem sucesso na casa são as clássicas pipocas de camarão (R$ 43). São cubinhos de camarão tempurá com molho spicy da casa. Rua Aníbal de Mendonça, 152 - Ipanema. Tel: (21) 3030-8235.

HATCH – No novo restaurante japonês de Marcel Nagayama, no Botafogo Praia Shopping, é possível encontrar no menu a Rock Shrimp (R$ 48). Uma porção de camarões empanados, servidos com maionese da casa. Botafogo Praia Shopping – Praia de Botafogo, 400, 5º piso. Tel: (21) 99127-3131.

LEVE SUSHI – No restaurante, que funciona apenas como delivery, é possível encontrar no cardápio as pipocas gourmets de camarão (R$ 52,90). Elas são feitas com tempurá de camarão, cebolinha e molho spicy da casa. Pedidos pelo site: https://levesushi.com.br/

MANABU – Na casa, localizada em frente à praia de Copacabana, o cliente pode encontrar no cardápio as tão desejadas pipocas de camarão (R$ 58). Os minicamarões são selecionados e empanados, servidos com maionese especial ou molho sweet chilli. Av. Atlântica, 4240 – Copacabana. Tel: (21) 99422-1586.

NAGA – No sofisticado restaurante japonês, o comensal pode encontrar no menu o Ebi Spicy (R$ 63). Uma pipoca de camarão com maionese japonesa picante. Shopping VillageMall - Av. das Américas 3.900, Barra da Tijuca. WhatsApp (21) 99994-5649.

YUSHA – O restaurante do Grupo BestFork traz o que há de mais sofisticado e saboroso da culinária asiática. Um dos grandes sucessos da casa é a pipoca de camarão (R$ 48), que chega à mesa com spicy cream. VillageMall. Avenida das Américas, 3900 piso L2 - Barra da Tijuca. Telefone: (21) 3553-3421.

TEREMOS VINHOS TINTOS

EVENTO

Vinhos BRANCOS & ROSADOS

* ESTACIONAMENTO GRATUITO DURANTE O EVENTO

ROLHA ZERO • ESTACIONAMENTO GRATUITO* • 300 RÓTULOS DE VINHOS

25 EXPOSITORES • PRATOS HARMONIZADOS EM NOSSOS RESTAURANTES

ATRAÇÕES MUSICAIS • WORKSHOPS

29 SET 16h às 21h30

30 SET 16h às 21h30

01 OUT 16h às 20h30

Av. Ayrton Senna, 2.150
Pórtico · Nível Península

INGRESSOS à VENDA

GRUPO BACO MULTIMIDIA

CASA SHOPPING

@casashopping
@vinhosbrancoserosados
@bacomultimidia